



Votar errado mata

MURILLO DE ARAGÃO

[20/SET/2003]

Imaginei um anúncio no horário nobre da televisão onde uma voz em *off* diz: "Votar errado mata". O filme seria um mosaico de imagens terríveis de nosso cotidiano: pacientes morrendo nas filas dos hospitais, crianças desnutridas brigando por comida em lixões, esgotos a céu aberto, favelas, atropelamentos, buracos nas estradas e balas perdidas.

Ao refletir sobre o anúncio, concluí que a peça poderia ser um instrumento de mobilização da sociedade em direção à política. Não vejo outro caminho a ser seguido pelo país exceto uma intensa mobilização da sociedade com o objetivo de enfrentar problemas críticos que afligem a todos. Por muito tempo, imaginou-se que a saída seria ideológica. Partidos de esquerda seriam menos corruptos do que os partidos de direita. Ainda que tal consideração não seja desprovida de algum fundamento, a solução deixou de ser privativa de um partido ou de uma corrente política. Trata-se de uma questão de sobrevivência.

A sociedade deve entender que votar errado mata. Pura e simplesmente. O voto errado reforça uma situação de injustiça social que, por sua vez, favorece uma participação política injusta que, em consequência, dificulta a transparência do processo decisório a respeito da utilização de recursos públicos. No final da corrente, essa seqüência replica o modelo de injustiça social. É um ciclo vicioso alimentado pelo voto errado.

Votar certo não é simples. A política, tal qual a vida, não é dicotômica. Muitas vezes o certo e o errado se confundem em legendas partidárias e, até mesmo, nas pessoas. Por conta de contingências eleitorais, políticos honestos se associam a notórios crápulas. E a política tem um código de conduta próprio cuja moral nem sempre é compatível com a moral da sociedade.

O ponto de partida para um voto melhor é um conjunto de princípios que devem ser assumidos pela sociedade e pelos políticos de bem. Independente de partido ou orientação ideológica. Seriam princípios de decência universalmente aceitos. O bom político deve aceitar que sua vida patrimonial seja aberta à auditoria da sociedade. Deve prestar contas de sua atuação de forma cotidiana. Deve debater sua atuação com a comunidade, valorizar a instituição partidária e evitar o troca-troca de partido ao sabor das conveniências.

A partir do consenso em torno de princípios, o caminho segue pela via da participação da sociedade organizada, acompanhando o comportamento dos políticos e cobrando uma postura ética. Sem a mobilização, a qualidade da política vai continuar se deteriorando e as cenas do anúncio imaginário vão se tornar cada vez mais cotidianas.

Copyright © 1995, 2000, Jornal do Brasil. É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo do JB Online para fins comerciais

<http://www.jb.com.br/jb/papel/opiniaio/2003/09/19/joropi20030919005.html>